

PREVALÊNCIA E CARACTERÍSTICAS DA AUTOMEDICAÇÃO ENTRE OS IDOSOS: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Camylla Nunes Truta¹, Vitória Adelaide de Sousa Maurício¹, Fernanda Carla Magalhães², Guilherme Figueiredo da Silva¹, Gêssica Virgínio Fernandes¹, Rosa Maria Limeira Queiroz³, Severina Alice da Costa Uchôa⁴, Claudia Santos Martiniano³

¹Universidade Federal de Campina Grande

²Universidade Estadual da Paraíba

³Orientadoras do “Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde” do Ministério da Saúde

⁴Universidade Federal do Rio grande do Norte.

¹ mylla_truta@hotmail.com

Resumo- Atualmente tem sido acompanhado o envelhecimento populacional no Brasil. Em decorrência desse envelhecimento, verifica-se o aumento do número de pessoas idosas com doenças crônicas e conseqüentemente há o aumento do consumo de medicamentos por esta faixa etária. O objetivo do presente estudo foi investigar a prevalência e as principais características da automedicação entre os idosos. Para a coleta dos dados foi utilizada a base de dados LILACS, buscando artigos publicados entre os anos de 2006-2010. Foram encontrados 06 artigos que respondiam aos critérios de seleção utilizados. Observou-se o elevado consumo de medicamentos por idosos sem orientação e prescrição de profissionais de saúde, sendo necessária a educação em saúde para conscientização dos riscos da automedicação.

Palavras-chave: automedicação; idosos

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde

Introdução

Nos últimos anos tem sido observado um crescente aumento na população idosa brasileira que, de acordo com Souza e Lopes (2007), está relacionado à diminuição das taxas de fecundidade e de mortalidade, além da melhoria apresentada pelo país das condições sanitárias e também dos avanços tecnológicos e científicos na área da saúde. O aumento do número de idosos traz consigo um maior consumo de medicamentos, sendo essa população considerada por Flores e Benvegnú (2008) o grupo etário que mais consome fármacos em consequência da maior prevalência de doenças crônicas na terceira idade.

Em seu estudo Souza e Lopes (2007) observaram que os idosos utilizam diversas práticas terapêuticas, como chás e remédios caseiros e ainda fazem uso de automedicação na busca de alívio ou cura de desconfortos físicos ou mentais. De acordo com o dicionário online de português, automedicação diz respeito ao ato de escolher e tomar medicamento(s) sem recomendação médica, sendo desta forma considerada um comportamento de risco entre os idosos.

Flores e Benvegnú (2008) afirmam que o uso de medicamento se constitui um dos temas mais importantes a serem considerados na atenção à saúde do idoso devido ao elevado perfil de consumo, observando-se que esse processo é

viabilizado pelo acesso fácil a algumas medicações no balcão das farmácias e pela falta de conscientização do uso de medidas não farmacológicas. No caso da pessoa idosa, esse perfil de consumo torna-se preocupante visto às inúmeras alterações fisiológicas que ocorrem no decorrer do envelhecimento, sendo citada como principal por Loyola Filho *et al.* (2005) as modificações na farmacocinética de diversos medicamentos. Lima *et al.* (2010) afirmam que o uso inadequado e/ou indiscriminado de medicamentos poderá levar à complicações no estado de saúde, intoxicações e até ao óbito.

Diante do exposto e considerando a importância do estudo da automedicação entre os idosos, o objetivo do presente estudo é investigar a prevalência e as principais características da automedicação entre os idosos.

Metodologia

Foi pesquisada a base de dados LILACS (2006-2010), através dos seguintes descritores: automedicação e idoso. Foram identificados 108 artigos completos, destes 06 foram considerados relevantes para o presente trabalho. Os artigos selecionados preenchiam os seguintes critérios: ter sido publicado nos últimos 5 anos, contemplar como sujeitos da pesquisa a população idosa, ter sido publicado em português e abordar a temática

de forma abrangente sem focar nenhuma patologia específica.

Resultados

Dos 06 artigos encontrados, 3 identificaram o perfil do consumo de medicamentos entre os idosos, 2 avaliaram a automedicação entre os idosos, sendo um realizado em um ambulatório de atenção ao idoso e o outro em um grupo de terceira idade, e um descreveu o uso de práticas terapêuticas entre os idosos. As características levadas em consideração neste estudo foram a faixa etária, o gênero, a renda mensal e a escolaridade, visto terem sido influentes, de acordo com os artigos, na prevalência da automedicação entre a população idosa.

Dentre os artigos analisados, a faixa etária dos entrevistados variou entre os 60 aos 80 anos de idade. Souza e Lopes (2007) observaram em seu estudo que a maioria dos idosos encontravam-se entre 60 a 69 anos de idade e eram do sexo feminino. Flores e Benvegnú (2008) e Cascaes *et al.* (2008) acompanharam os mesmos resultados de idade e gênero, com médias de idades semelhantes, 69,6 e 69,9 anos, e porcentagem da população feminina sendo de 61,2% e 87,0%, respectivamente, porcentagem semelhante ao estudo de Barros e Sá (2007), no qual 44,9% dos entrevistados encontrava-se na faixa etária de 60-70 anos, 247 (69,8%) eram do sexo feminino. Como observado em Bortolon *et al.* (2008), entre os idosos analisados 32,7% (n = 17) apresentaram renda mensal menor ou igual a um salário mínimo, sendo responsáveis por utilizar 32,9% (n = 28) das automedicações.

Relativo à escolaridade da população idosa estudada, os diversos autores apontam pouco nível de escolaridade. Flores e Benvegnú (2008) afirmam que o nível de escolaridade e a renda são maiores dentre a população masculina, sendo que a maioria dos entrevistados tinha até quatro anos de escolaridade. De acordo com Cascaes *et al.* (2008) a maioria não era alfabetizada, sendo o nível de escolaridade idêntico ao estudo de Flores e Benvegnú (2008). Bortolon *et al.* (2008) observaram que aqueles com baixa escolaridade (analfabetos e com ensino fundamental incompleto) constituíram 67% (n=57) dos praticantes da automedicação.

A automedicação, de acordo com Souza e Lopes (2007), foi utilizada pelos idosos apenas para resolução de problemas de saúde considerados por eles como leves, estes problemas não sendo resolvidos, então procuravam o profissional de saúde. Flores e Benvegnú (2008) constataram que grande parte dos medicamentos consumidos pelos idosos (96%) tinha prescrição médica, sendo o uso de

medicamentos não prescritos maior entre os homens, 4,3% comparado aos 3,8% das mulheres. Bortolon *et al.* (2008) relataram que 30,8% (n = 52) dos idosos pesquisados faziam uso de um ou mais fármacos sem prescrição médica, número semelhante ao encontrado no estudo de Marin *et al.* (2008) em que 36,8% dos idosos afirmaram se automedicar. Já Barros e Sá (2007) apontaram que 77,2% dos idosos se automedicam quando apresentam alguma queixa clínica.

A prevalência da automedicação sofre grande influência da mídia e dos familiares e amigos. Segundo, Cascaes *et al.* (2008), a principal influência para esta prática parte dos amigos, vizinhos e familiares (55,9%). Já no estudo realizado por Souza e Lopes (2007) a principal influência, de acordo com os idosos, seria da mídia, seguida da família e amigos e por fim, dos profissionais de saúde. De acordo com os dois autores os medicamentos mais utilizados para automedicação foram os analgésicos. Esta tendência também foi observada na pesquisa de Barros e Sá (2007), em que houve predomínio dos analgésicos (30,0%) e antipiréticos (29%). No estudo de Bortolon (2008), as classes de medicamentos mais associadas com a automedicação foram os analgésicos, antipiréticos e anti-inflamatórios (44,7% dos fármacos envolvidos em automedicação), seguido de medicamentos para o trato gastrointestinal (10,6%), suplementos vitamínicos e minerais (7,1%), drogas do sistema cardiovascular (7,1%) e remédios fitoterápicos (14%).

Um dos principais fatores de risco da automedicação são as interações medicamentosas, visto ser a população idosa, em sua maioria, consumidora de diversos fármacos no tratamento das doenças crônicas das quais são acometidos. Souza e Lopes (2007) observaram que parte expressiva dos seus entrevistados referia usar mais de um medicamento. Flores e Benvegnú (2008) e Cascaes *et al.* (2008) em avaliações quanto ao número máximo de medicamentos utilizados por idoso chegaram ao número de 13 e 11 medicamentos, respectivamente. Sendo, de acordo com Flores (2008), o uso de seis medicamentos citados por 92,2% dos idosos. Já no estudo de Marin (2007) cerca de 29,5%(n=89) dos idosos utilizam três ou quatro drogas e 4%(n=12) utilizam oito medicamentos ou mais. No estudo de Bortolon *et al.* (2008) foi exposto que os fármacos nifedipino, a hidroclorotiazida e o diclofenaco estavam associados à outros medicamentos de autoterapia, o que pode ser potencialmente danoso à saúde dos idosos.

Discussão

Flores e Benvegnú (2008) afirmam que os medicamentos mais utilizados entre a população em foco são os de ação no sistema nervoso central, analgésicos e antiinflamatórios. O uso dessas classes medicamentosas demonstra que a população idosa apenas recorre ao atendimento médico nas situações em que é necessária uma resposta rápida aos sintomas presentes. Tal prática pode ter efeitos deletérios para a saúde dos que o fazem, seja pelos efeitos adversos dos medicamentos, pelas interações medicamentosas que o usuário pode desconhecer ou por mascarar a evolução de uma doença.

Os principais fatores estimuladores para a utilização da automedicação como terapia pelos idosos, de acordo com Naves *et al.* (2010), foram a insatisfação com o atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS) e a facilidade de acesso às farmácias. Este fato revela a necessidade de remodelação dos equipamentos de saúde do SUS e de educação em saúde da população enfatizando os riscos da automedicação indiscriminada. Corroborando essa ideia, Cascaes *et al.* (2008) afirmam que é função de todos os profissionais da saúde, inclusive prescritores e farmacêuticos, a educação da população como estratégia de redução da automedicação e consequentemente da farmacoterapia.

A utilização de medicamentos por influência da mídia ou de amigos e familiares, citada anteriormente, pode trazer riscos à saúde do idoso. De acordo com Cascaes *et al.* (2008) a escolha não leva em consideração as condições clínicas e farmacológicas do idoso, tendo sido observado em seu estudo que o comportamento quanto à automedicação não foi diferente entre os idosos polimedicados e os demais, alertando para a falta de conhecimento e cuidados desta população. A comercialização de medicamentos sem receita médica contribui para o cenário atual da automedicação. Bortolon *et al.* (2008) mostram que 32,9% dos eventos de autoterapia envolviam fármacos que exigem a prescrição por um profissional de saúde.

Naves *et al.* (2010) explanam sobre os fatores positivos e negativos que afetam o consumo de medicamentos. Como fator negativo observa-se o fácil acesso aos medicamentos, seja em farmácias ou ambulatórios, e a promoção e publicidade que incentivam o uso irracional dos medicamentos ignorando seus efeitos indesejáveis no organismo. Por outro lado, os fatores positivos são exemplificados pelas políticas nacionais que disponibilizam os medicamentos através da atenção básica, pressupondo o atendimento desse idoso por profissionais de saúde habilitados.

Os desdobramentos adversos da polifarmacoterapia favorecem sinergismos e antagonismos não desejados e o descumprimento das prescrições dos produtos pode acarretar em descompensações na saúde dos idosos, que muitas vezes já vem debilitada por doenças crônicas, além de gastos excedentes com o uso de fármacos que podem não ter nenhuma indicação clínica.

Conclusão

A automedicação é um tema importante a ser trabalhado junto à população idosa pelos inúmeros fatores presentes nesta prática que colocam sua condição de saúde em risco de piora. Ao abordar este tema foi possível observar a prevalência da automedicação entre os idosos brasileiros e analisar características como o motivo da utilização, os fatores influentes nessa prática, os medicamentos mais utilizados na automedicação e os fatores de risco relativos ao uso indiscriminado dos medicamentos.

Como afirmado por Lima *et al.* (2010) não existem estudos adequados para mensurar o mal que o uso irracional de fármacos pode causar à saúde da população, porém, como foi visto, essa prática terapêutica exige dos profissionais de saúde e de toda população bastante atenção para que não se exponham aos riscos oriundos da automedicação, com especial cuidado para a população idosa que por razões fisiológicas encontra-se mais suscetível a estes riscos.

Diante da seriedade do problema se faz necessário o investimento em pesquisas sobre o tema e em educação em saúde para a população leiga visando à melhoria da qualidade de vida da população idosa relativa ao uso adequado de medicamentos.

Referências

AUTOMEDICAÇÃO. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/automedicacao/>. Acesso em: 18 agos. 2011.

BARROS E SÁ, Mirivaldo; BARROS, José Augusto Cabral de; SÁ, Michel Pompeu Barros de Oliveira. Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro-PE. **Rev Bras Epidemiol.** V. 10, n.1, p. 75-85, 2007.

BORTOLON, Paula Chagas; MEDEIROS, Eloá Fátima Ferreira de; NAVES, Janeth Oliveira Silva; KARNIKOWSKI, Margô Gomes de Oliveira, NOBREGA, Otávio de Tolêdo. Análise do perfil de automedicação em mulheres idosas brasileiras. **Ciênc. saúde coletiva.** V. 13, n. 4, p. 1219-1226, 2008.

CASCAES, Edézio Antunes; FALCHETTI, Maria Luiza; GALATO, Dayani. Perfil da automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade de uma cidade do sul do Brasil. **Arquivos Catarinenses de Medicina**. V. 37, n. 1, p. 63-69, 2008.

FLORES, Vanessa Boeira; BENVEGNÚ, Luís Antonio. Perfil de utilização de medicamentos em idosos da zona urbana de Santa Rosa, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cad. Saúde Pública**. V. 24, n. 6, p.1439-1446, jun, 2008.

LIMA, Geandra Batista; NUNES, Lívio César Cunha; BARROS, José Augusto Cabral de. Uso de medicamentos armazenados em domicílio em uma população atendida pelo Programa Saúde da Família. **Ciência & Saúde Coletiva**. V. 15, supl. 3, p. 3517-3522, 2010.

LOYOLA FILHO. Antonio I.; UCHOA, Elizabeth; FIRMO, Josélia de Oliveira Araújo; LIMA-COSTA, Maria Fernanda. Estudo de base populacional sobre o consumo de medicamentos entre idosos: Projeto Bambuí. **Cad. Saúde Pública**. V. 21, n. 2, p. 545-553, 2005.

MARIN, Maria José Sanches; CECILIO, Luiz Carlos de Oliveira; PEREZ, Alexandre Eduardo W. Ugolini Ferrazoli; SANTANELLA, Fernando; SILVA, Camila Batista Andrade; GONÇALVES FILHO, José Roberto; ROCETI, Lidiane Cola. Caracterização do uso de medicamentos entre idosos de uma unidade do Programa Saúde da Família. **Cad. Saúde Pública**. V. 24, n. 7, p. 1545-1555, 2008.

NAVES, Janeth de Oliveira Silva; CASTRO, Lia Lusitana Cardozo de; CARVALHO, Christine Maria Soares de; MERCHÁN-HAMANN, Edgar. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. **Ciência & Saúde Coletiva**. V. 15, supl. 1, p. 1751-1762, 2010.

SOUZA, Aline Corrêa de; LOPES, Marta Julia Marques. Práticas terapêuticas entre idosos de Porto Alegre: uma abordagem qualitativa. **Rev Esc Enferm USP**. V. 41, n. 1, p. 52-56, 2007.